

Sidercidade: a privatização da CSN nas páginas da imprensa de Volta Redonda¹

Anna Luiza da Costa Bittencourt²
Rogério Martins de Souza³

Centro Universitário de Volta Redonda, RJ

Resumo

Cada jornal, seja de uma grande metrópole, seja de regiões consideradas "do interior", tem suas linhas editoriais definidas, que podem diferir bastante dependendo do contexto histórico, econômico e social. Neste artigo, buscamos uma análise da relação do cidadão de Volta Redonda com a CSN a partir do que foi divulgado no jornal *Diário do Vale*, da região do sul fluminense, tendo como parâmetro o processo de privatização levado a cabo desde a década de 1990, e o aniversário da CSN, comemorado todo ano na data de 9 de abril, a partir de edições especiais. A pesquisa irá analisar as reportagens especiais de cada ano a fim de mostrar as representações diversas feitas pelos jornal ao longo das décadas.

Palavras-chave

Jornalismo; siderúrgica, representação; mídia impressa

Introdução: a importância da CSN para a sociedade em Volta Redonda

A cena tende a confundir visitantes. Basta um morador de fora de Volta Redonda dar um passeio pela cidade que um fato não passará despercebido: a profusão de lojas, hotéis e até bairros começados pelo prefixo "sider": Sider Ótica, Sider Hotel, Siderlândia, Siderlópolis e muito mais. Se este mesmo visitante quiser fazer um lanche em um dos principais centros comerciais da cidade – o *Sidershopping* – poderá ficar surpreso ao notar que a principal vista da praça de alimentação é de uma empresa siderúrgica.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação em Jornalismo do UNIFOA. E-mail: annaluizajonas1@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do UniFOA. E-mail: rogerms@uol.com.br.

O prefixo “sider” diz respeito à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A empresa que para muitos voltarredondenses "colocou a cidade no mapa" do Brasil chama a atenção, assim como a própria relação dos habitantes da cidade com a mesma. A própria história de Volta Redonda se confunde com a história da CSN e a importância da usina em relação ao desenvolvimento da cidade é imensa.

De 1930 a 1945, o Brasil foi governado por Getúlio Vargas. Suas ações na economia baseavam-se numa política de industrialização por substituição de importações. Várias indústrias estatais foram criadas nesse período, entre elas, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1941. A cidade de Volta Redonda, antes distrito de Barra Mansa, localizada no Vale do Paraíba, estado do Rio de Janeiro, foi o local escolhido para a construção da siderúrgica.

Os primeiros trabalhadores da Companhia vinham de diversas partes do Brasil para trabalhar na sua construção. Homens, principalmente de Minas Gerais e do Nordeste, em busca de melhorias de vida ou apenas de uma possibilidade de emprego. Esses trabalhadores, segundo Pereira (2007), ficaram conhecidos como arigós, nome dado a uma ave migratória e que foi utilizado para representar aqueles que saíam de suas cidades para trabalhar na CSN.

Assim, segundo Morel, desde o início, a construção da Companhia, bem como da cidade de Volta Redonda – planejada como cidade industrial modelo – assumiu não apenas a importância econômica que lhe era inerente, mas também um peso simbólico sem precedentes. (MOREL, 1989, p. 123)

Em 1942, saiu do papel o projeto urbanístico para as vilas residenciais e para a área comercial da cidade. A criação dos bairros foi baseada no tamanho dos lotes e dos tipos de residência, levando a uma divisão de acordo com o salário e profissão dos trabalhadores. A Vila Santa Cecília, Laranjal e Bela Vista foram designados àqueles com cargos superiores na CSN; já o bairro Conforto aos trabalhadores menos qualificados.

Antes da Companhia, Volta Redonda era o 8º Distrito de Barra Mansa. Com a sua chegada, o lugar passou por intensas transformações. Antes das obras da usina terminarem, Volta Redonda já possuía seu Corpo de Bombeiros, um hospital provisório, a sua primeira agência bancária, clubes, hotel, entre outros. Mas o final da construção tanto da usina quanto das obras anexas trouxe uma questão: ao entrar em funcionamento, a CSN não precisaria de todos os trabalhadores envolvidos, ou seja, dos cerca de 11.700 operários que foram para a cidade, uma boa parte ficaria desempregada. Isso causou um crescimento

desordenado, não planejado e oposto à Cidade Nova, totalmente planejada. Essa outra Volta Redonda, localizada à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, foi batizada pelos moradores de “Niterói”. E assim surgiram novos bairros, como o da Ponte Alta, e as primeiras favelas, como a de São Carlos.

Em 1950, a população de Volta Redonda já ultrapassava 33 mil habitantes. E mesmo com a expansão da usina e o rápido crescimento das “duas” cidades, a cidade ainda era o 8º Distrito de Barra Mansa, o que significava que os tributos das atividades econômicas eram recolhidos pela prefeitura. Um plebiscito foi convocado em abril de 1954, e a 17 de julho Volta Redonda tornava-se, enfim, um novo município fluminense.

Para que moradores e visitantes de Volta Redonda a reconheçam hoje como a “cidade do aço”, contou muito a representação da cidade e da siderúrgica em seus jornais regionais. Cada jornal, seja de uma grande metrópole ou de regiões consideradas “do interior”, tem suas linhas editoriais definidas, que podem diferir dependendo do contexto histórico econômico e social. Um jornal, ao retratar algo que faz grande referência para sua cidade, usa de representações específicas sobre determinado aspecto da realidade, e estas representações em grande parte ficarão marcadas pelos leitores que o acompanham.

Este artigo objetiva refletir e analisar a relação do cidadão de Volta Redonda com a CSN a partir do que é e foi divulgado nos jornais sobre o processo de privatização da empresa siderúrgica, tendo como parâmetro o aniversário da CSN, comemorado em 9 de abril. Como parte de um projeto de iniciação científica que pretende analisar a relação dos jornais de Volta Redonda com a CSN ao longo das últimas décadas, aqui especificamente a pesquisa irá analisar as reportagens realizadas e publicadas a cada ano pelo jornal *Diário do Vale* - fundado em 1992 e de grande circulação por várias regiões do sul fluminense -, a fim de mostrar as representações diversas feitas pelo periódico ao longo dos anos e como ele ajudou a construir a identificação da cidade de Volta Redonda com a CSN junto aos leitores.

História da CSN

A chegada de Getúlio Vargas à Presidência da República, em 1930, marcou o início de uma série de medidas tomadas pelo Estado no sentido de avaliar a situação da indústria siderúrgica. Ao longo de uma década, várias comissões seriam formadas, até se chegar à criação da Companhia Siderúrgica Nacional (MOREIRA, 2004, p. 19). A Companhia

Siderúrgica Nacional foi criada em 9 de abril de 1941 e entrou em funcionamento em 11 de junho de 1946.

A fundação da CSN, em abril de 1941, e sua entrada em operação, em 1946, constituíram marcos importantes na história do país, porque significaram a realização do projeto da grande siderurgia. Até então o Brasil só dispunha de siderurgias a carvão vegetal, sendo a maior delas a Belgo-Mineira. Montar uma grande siderúrgica envolvia muitos desafios, principalmente técnicos e humanos. (ALBERTI, 1999, p. 1)

A década de 1950 teve a volta de Getúlio Vargas ao poder, e depois, o governo de Juscelino Kubitschek, em que o Brasil assistiu a um surto industrial. Devido ao Plano de Metas, base da política de JK e que visava os bens de produção, infraestrutura e transportes, a necessidade de aço e seus derivados aumentou. Foi necessária, então, a expansão do setor siderúrgico, surgindo assim a Companhia Siderúrgica Mannesmann, a Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e as Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas). Foi a partir desse período que a Companhia Siderúrgica Nacional, assim como todo o setor, começou a perder a sua autonomia, tornando-se um instrumento da política econômica dos governos militares (MOREIRA, 2004, p. 96).

É a partir da década de 1960, a CSN começa a ter crises e dificuldades econômicas.

A Companhia começou a ter dificuldades até mesmo para repor peças, equipamentos e para comprar matérias-primas básicas ao funcionamento da usina, o que a deixava em posição desfavorável frente à concorrência, já que não conseguia atender às novas exigências apresentadas pelo mercado. Todos esses fatores transformaram a CSN na mais prejudicada entre as empresas estatais do setor, com vendas estacionadas em 800 mil toneladas/ano, aproximadamente. (MOREIRA, 2004, p. 101).

O Brasil viveu, na década de 1970, uma fase conhecida como “milagre econômico”, em que a economia do país cresceu vertiginosamente a cada ano. Com isso, a necessidade de adaptação do setor siderúrgico fez com que as empresas tivessem que aumentar a produção de aço. A CSN, mesmo vindo de uma crise, teve que se adequar a essa expansão. E isso quase acabou com a Companhia.

A realização da expansão necessária para esse aumento na produção apresentou diversos problemas para a Companhia Siderúrgica. Ao seu término, o orçamento havia atingido 838,4 milhões de dólares, 98% a mais do que o valor inicialmente estipulado, o que acabou por colocar a empresa em uma situação próxima da insolvência. (MOREIRA, 2004, p. 107).

Mas o pior estágio ainda estava por vir. Na década de 1980, além de uma péssima situação econômica da empresa, ela ainda foi agravada pelo movimento grevista de 1988, o que prejudicou o ritmo da Companhia que tentava melhorar e se reerguer.

A primeira greve da CSN ocorreu em 1984 e durou cinco dias. O pedido dos trabalhadores era reajuste de salário, para que ele fosse igual ao da Usiminas, a qual pagava um salário bastante alto, enquanto o deles aqui ainda permanecia defasado. Essa greve já foi um ensaio para a grande greve de 1988 (MOREIRA, *Ibid*).

A greve dos operários foi realizada de 7 a 23 de novembro de 1988, num confronto em que resistência operária e a atrocidade político-militar foram as protagonistas principais. A repressão empregada pela Polícia Militar - PM e Exército -, provocou a morte de três operários no dia 9 de novembro (GRACIOLLI, 2000, p. 54).

Com toda essa crise que pairava não só sobre a CSN, mas sobre todo o Estado brasileiro devido à baixa na economia, as empresas estatais acabaram sofrendo as consequências. As soluções para a situação vinham de dois grupos: os de esquerda, conhecidos como nacionalistas estatizantes, que diziam que o Estado devia manter-se como agente econômico. E os liberais, que diziam que a economia só seria recuperada com a menor ação possível do Estado, portanto as empresas estatais deviam ser privatizadas, assim aumentando a competitividade entre elas. Esta última visão prevaleceu com a vitória de Fernando Collor de Mello nas eleições de 1989 para a presidência da República. Em 16 de março de 1990, era criado o Programa Nacional de Desestatização (PND).

Embora tenha sido oficialmente incluída no Programa Nacional de Desestatização pelo Decreto Nº. 426, de 16 de janeiro de 1992, a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional já havia sido anunciada para trabalhadores e sindicalistas de Volta Redonda por ocasião da posse de Roberto Procópio de Lima Netto na presidência da Companhia, em 18 de abril de 1990. Desde então, o presidente da CSN envolveu-se não apenas com o reajuste administrativo da empresa, mas também empreendeu uma verdadeira campanha em favor de sua privatização (PEREIRA, 2007, p. 194).

Com o *impeachment* de Collor, o novo presidente Itamar Franco colocou a privatização da CSN em espera, adiando-a para abril de 1993.

A condição fixada para que o leilão acontecesse era a de que deveriam ser vendidos pelo menos 55% das ações. Se isso não ocorresse, um segundo leilão seria realizado na segunda-feira seguinte, quando todos aqueles que já haviam comprado posições teriam a oportunidade de aumentá-las, de modo a se alcançar o patamar mínimo. Eram três os principais interessados: o Grupo Vicunha, o Banco Bamerindus e a Companhia Vale do Rio Doce, através da Docenave. No primeiro dia, foram vendidos apenas 45% das ações. O mínimo de 55% foi alcançado somente na segunda-feira, 5 de abril, com o

aumento da participação do Grupo Vicunha e do Banco Bamerindus. [...] Do grupo controlador, ao final, fizeram parte Vicunha, Bamerindus, Docenave, o Clube de Investimento dos Funcionários e a Emesa S/A Indústria e Comércio de Metais. (MOREIRA, 2004, p. 156).

Com a empresa privatizada, foi necessária uma mudança. A partir de 1995, a CSN começou a ganhar a força necessária para que voltasse à competitividade em meio à globalização que faz parte do mundo nos dias atuais. Hoje, ela é líder no setor siderúrgico brasileiro e compete com empresas siderúrgicas em todo o mundo. Além disso, a Companhia não deixa de lado a sua responsabilidade social e assim continua crescendo ano a ano.

História do Diário do Vale

O *Diário do Vale* teve sua primeira edição publicada em 5 de outubro de 1992, após meses de preparo. Sua primeira edição trazia em destaque o resultado das eleições municipais daquele ano. O jornal foi fundado pelos jornalistas Aurélio Paiva e Fernanda Brandt, além de uma equipe que contava com Amauri Vieira, Maurício Vieira e Luiz Alfredo Vieira. Seu surgimento deu-se a partir da necessidade de Volta Redonda ter um veículo de comunicação diário, o que não existia. Segundo o atual chefe de redação do jornal, Paulo Moreira, em depoimento à autora⁴, a imprensa na cidade e na região é bastante atuante desde a década de 1970, mas com a existência de apenas periódicos semanais. Portanto o *Diário do Vale* apareceu como uma inovação, um jornal diário e regional onde predominavam os semanários regionais os diários nacionais.

Atualmente, o jornal possui as editorias de Política, Cidades, Polícia e Economia, sendo esta última um diferencial do *Diário*, pois é um espaço grande que ele dá à editoria (duas páginas) sendo um jornal do interior. Com a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1993, sendo a empresa a base da economia de Volta Redonda e de extrema importância para a região, essa editoria acabou ganhando mais destaque devido à cobertura e informação sobre a situação da empresa, e isso vem até os dias de hoje, já que, segundo Paulo Moreira, a “economia deixou de ser para poucos como era nas décadas anteriores e, portanto, a informação passou a ser mais relevante para o público”⁵.

Além dessas editorias, que constituem o caderno principal do jornal, ele também

⁴ Entrevista com Paulo Moreira, realizada no dia 1 de julho de 2014.

⁵ Idem

possui o caderno nacional, que contém as editorias Política, Geral, Economia, Internacional, Lazer e de Esportes, que também possui uma diferenciação por contrastar notícias de equipes nacionais com notícias de equipes regionais. Um contraste muito comum, diz Paulo Moreira, é uma notícia de uma equipe nacional de futebol (Flamengo ou Botafogo, por exemplo) ao lado da notícia sobre o time de Volta Redonda ou Barra Mansa. A edição de domingo do *Diário do Vale*, por uma questão de operação, tem uma equipe separada daquela que fecha diariamente o jornal.

Entre 80 a 100 pessoas trabalham para o *Diário do Vale*, em diversas funções, desde os entregadores de jornal aos repórteres. O jornal tem uma média de tiragem de 10 mil exemplares por dia, atingindo no domingo cerca de 12 mil, mas esses números podem variar. Em relação ao público-alvo, Paulo Moreira diz que é um jornal que atende a todos, todo mundo pode ler o *Diário do Vale*. Ele também fala sobre o site do jornal, que em relação aos jornais regionais do estado do Rio de Janeiro, é o mais acessado. A quantidade de acessos varia de 38 a 45 mil por dia. Mas um exemplo citado foi a das Eleições 2012, quando o site, mesmo esperando um aumento no número de visitantes devido à importância do dia, ainda assim não estava totalmente preparado para os cerca de 100 mil acessos, que chegaram a derrubá-lo por alguns minutos.

A abrangência do jornal atinge Volta Redonda, Barra Mansa, Resende e Angra dos Reis, as quatro grandes cidades da região. Mas isso não impede a presença constante de notícias das outras cidades da região do Vale do Paraíba: Piraí, Pinheiral, Valença, Quatis, Itatiaia, Paraty, Porto Real, Barra do Piraí. Cidades em que o jornal impresso circula menos, mas que o número de acessos também é grande.

A grande virada do *Diário do Vale*, segundo seu diretor de redação, foi sair da era da mídia impressa, em que ele já se destacava, para ser uma plataforma online de informações⁶. O conteúdo online do jornal é muito maior do que o do impresso, que acaba sendo um limitador financeiro. Todo conteúdo do jornal impresso encontra-se no online, mas nem tudo que está no online, está no impresso.

O *Diário do Vale* encontra-se em todas as principais redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram), e atualmente também faz parte do aplicativo *Whatsapp*, um diferencial do jornal. Ele não utiliza a ferramenta como um meio de publicação, mas sim como algo que funciona inversamente: o público interage e fornece pautas, cita acontecimentos aos repórteres, que vão apurar as informações. Isso não gera retorno diretamente para o jornal,

⁶ Entrevista à autora. Idem.

mas traz mais leitores, mais audiência, mais acessos à plataforma online ou ao impresso, e, portanto, indiretamente, um retorno financeiro⁷.

Análise: a representação da CSN pelo Diário do Vale durante o processo de privatização e nos dias atuais

Assim como a Companhia Siderúrgica Nacional, o *Diário do Vale* passou a ter um importante papel para a região, mas principalmente para a cidade de Volta Redonda. A relação entre a CSN e o *Diário*, segundo o chefe de redação Paulo Moreira, é e sempre foi uma relação de empresa com outra empresa, ocasionalmente tendo a presença da CSN nos anúncios do jornal, por ela comprar espaço publicitário. Desde 1992, quando o *Diário do Vale* foi fundado, a CSN é presença constante no periódico. Da privatização da Companhia, que ocorreu em 1993, aos dias de hoje, em que ela vem se adaptando à economia global e consolidando-se como uma empresa privada, o *Diário* buscou cobrir os acontecimentos relacionados à empresa siderúrgica.

Por ser uma das bases da economia da cidade, mas também por se tratar de uma empresa privada, o papel do *Diário do Vale* é apresentar aos seus leitores tudo o que vem sendo feito pela empresa e que é passado para a imprensa, seja bom ou não.

O que analisaremos é como a CSN foi apresentada pelo jornal em suas edições no dia do aniversário da Companhia, dia 9 de abril. Além dessa data, procuramos analisar também as edições do momento da privatização (02 e 5 de abril de 1993), assim como outras edições nessas mesmas datas ao decorrer dos anos.

Como o jornal surge em meio ao processo de privatização da Companhia, cujo leilão foi adiado de dezembro de 1992 para abril de 1993, o *Diário* acabou fazendo parte dos acontecimentos por noticiar diariamente os fatos. No dia 2 de abril de 1993, dia marcado para o leilão da CSN, a manchete do jornal foi “CSN vai a leilão hoje”.

“Em uma das mais agitadas quedas de braço dos últimos tempos, está confirmado para hoje, às 14 horas, a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, maior fabricante da América Latina de folha de flandres, utilizada em latas, e a mais importante usina do continente.” (DIÁRIO DO VALE, 1993).

“O grande interesse pela CSN é fácil de entender: nunca a empresa, de 52 anos, esteve tão bem e sua posição estratégica é fantástica. Depois de oito anos seguidos no vermelho, o lucro líquido ano passado foi de US\$ 125 milhões e o endividamento total, que chegou a quase US\$ 2,5 bilhões, é hoje de US\$ 1,1 bilhão. O clima de uma

⁷ Idem

verdadeira disputa pode ser explicado pelo papel histórico da empresa – foi o marco na industrialização do país – e também pelo seu valor estratégico. A CSN é a maior usina siderúrgica da América Latina, única fabricante nacional de folha de flandres, utilizada em latas, e principal fornecedora da indústria automobilística.” (DIÁRIO DO VALE, 1993).

É possível observar o otimismo do meio de comunicação em relação à privatização da Companhia ao apontar fatos positivos da história até então recente da empresa e pelo uso de adjetivos como “fantástica” ao se tratar da posição estratégica da mesma. No entanto, um outro ponto de vista, que vai de encontro ao que foi publicado no *Diário*, é apontado por Regina da Luz Moreira:

Alguns elementos são importantes para entender por que a CSN, apesar de constantemente referida como uma empresa privatizável, não foi desde o início incluída no PND. Há que se destacar, em primeiro lugar, a própria simbologia da empresa, um dos mais significativos emblemas da industrialização, do desenvolvimento e da soberania nacionais, criada em meio ao esforço e à mobilização impostos pela Segunda Guerra Mundial e fortemente associada a uma figura tão expressiva da história do país como Getúlio Vargas. Acrescente-se a isso o fato de que, por estar umbilicamente ligada a Volta Redonda, que com ela nasceu e dela em grande medida dependia, a CSN não poderia ser privatizada sem que isso se refletisse de forma direta na cidade como um todo. [...] Na verdade, esses empecilhos apenas vinham somar-se à já precária situação em que a Companhia se encontrava – uma situação de insolvência. Ao longo dos anos, a CSN vinha acumulando perdas sistemáticas, dívidas com os trabalhadores, bancos, fornecedores e o governo, entre outros, além de provocar prejuízos ambientais significativos. (MOREIRA, 2004, p. 144).

Na edição do dia 5 de abril de 1993, dia em que o leilão foi finalizado e a Companhia privatizada, três chamadas relacionadas à CSN foram para a capa do jornal: “Sindicato descarta demissão na CSN e anuncia parceria”, “Novos donos da CSN vão assumir passivo ambiental” e “Comércio de VR vê privatização com otimismo”. Por meio dessas matérias, é evidente a posição pró-privatização e a busca do veículo para que os leitores também aceitassem o fato de que a privatização traria diversos benefícios para a cidade de Volta Redonda.

Quando se trata da análise das edições de aniversário da CSN, em 9 de abril de 1993, nada em relação aos 52 anos da Companhia é citado, e sim, uma manchete: “Desapropriação de imóveis da CSN não será imediata” e também sobre a privatização. A edição preferiu dar destaque à política: “Vereador do PDT propõe a pacificação da cidade”.

Em 22 anos de *Diário do Vale*, assim como os 21 anos da privatização da CSN, a

edição que mais deu destaque à empresa quando se trata no recorte temporal feito nessa pesquisa, foi a edição de 9 de abril de 1997. Nela, além da capa, que traz em destaque o especial dos 56 anos feito pelo jornal em comemoração ao aniversário da Companhia, temos um conteúdo de sete páginas em que estão presentes reportagens, entrevistas e anúncios de empresas importantes de Volta Redonda e região, como a Siderúrgica Barra Mansa, parabenizando a CSN pelo seu aniversário e por sua importância na construção e no crescimento da cidade.

Nas edições de 9 de abril de 1998 e 1999, há a presença na capa do jornal de chamadas citando o aniversário da Companhia, mas nada com muito destaque, assim como as manchetes desses dias não estão em nada relacionadas com a CSN ou com a siderurgia em geral.

A partir dos anos 2000, nas edições de 9 de abril analisadas (2000, 2001, 2002, 2006, 2009, 2010, 2014), apenas a de 2014 destaca o aniversário da siderúrgica, trazendo também uma matéria de página inteira na editoria de economia, juntamente com um anúncio de outra empresa parabenizando a CSN. A matéria não fala só do aniversário, mas também dá destaque à nova usina da Companhia.

Mas ao longo dos anos, é possível notar que o *Diário do Vale* fez questão de não só evidenciar, no entender do *Diário*, as coisas boas feitas pela empresa, mas também de apontar todas as suas ações e as repercussões das mesmas. Mesmo no aniversário dela, como na edição de 9 de abril de 2000, duas chamadas sobre a Companhia estão na capa do jornal: “CSN Invest desbloqueia R\$ 22 milhões em ações” é a manchete, e abaixo dela há uma chamada: “Cúria critica proposta de turno de oito horas na CSN”, mostrando também o lado daqueles que não apoiam certas atitudes tomadas pela siderúrgica.

Assim como foi dito pelo chefe de redação do jornal, Paulo Moreira, desde a sua fundação em 1992, e conseqüentemente, desde a privatização da CSN, o *Diário do Vale* busca apurar e apresentar tudo o que o periódico tem acesso do que vem sendo feito pela empresa, que por ser privada, acaba que nem tudo é passado à imprensa. O objetivo principal do jornal, segundo ele, é informar para a cidade e para os seus leitores tudo que lhes é informado e apurado corretamente⁸. É possível notar isso na edição de 9 abril de 2009:

“O Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense incluiu na pauta de reivindicações apresentada à CSN a estabilidade no emprego por um ano. A reivindicação tem

⁸ Entrevista à autora.

semelhanças com a oferta feita pela empresa em fevereiro e pode reabrir, em outro espaço, a negociação que foi encerrada no mês passado. A CSN não se pronunciou sobre o assunto e ainda não marcou a data da primeira reunião de negociação do acordo coletivo com o Sindicato.” (DIÁRIO DO VALE, 2009).

Ao apontar os dois lados da história, ao transmitir o que cada um dos envolvidos disse, ou, nesse caso, o que a CSN não disse, o *Diário* mostra que a relação de empresa com empresa existe e que se trata apenas disso. A relação entre a empresa jornalística de maior importância da cidade e da região juntamente com a empresa cuja importância para o nascimento, crescimento e desenvolvimento da cidade foi e ainda é determinante.

Considerações finais

O desenvolvimento do jornal *Diário do Vale* se fez concomitantemente à privatização da Companhia Siderúrgica Nacional. Verificamos, a partir desse trabalho, que o surgimento desse veículo então inovador para a cidade e toda a sua região, por ser o primeiro meio impresso diário, durante toda a movimentação e processo de privatização da CSN fez com que esse fosse o principal assunto abordado pelo jornal no seu primeiro ano de circulação.

Após este período, devido ao fato da Companhia ser importantíssima para a economia voltarredondense e estar ligada a milhares de moradores, tanto da cidade quanto da região, o *Diário* continuou e continua dando destaque aos principais acontecimentos da empresa, sejam eles positivos ou negativos.

A CSN, em seus 73 anos, passou por diversos momentos, de ser uma novidade no país, em 1930, quando estava só no papel no governo Vargas, até sua criação, em que a construção fez com que também fosse construída uma nova cidade: Volta Redonda. Passou por crises econômicas através das décadas, deixou de ser estatal e foi privatizada, e hoje, assim como há anos, é a líder no setor siderúrgico brasileiro.

Por meio da análise das edições comemorativas de aniversário da CSN, chegamos à conclusão que durante o processo de privatização da empresa, o *Diário do Vale* deu, a princípio, mais destaque aos pontos positivos dessa mudança, mas posteriormente não deixou de publicar as opiniões daqueles que eram contrários à empresa tornar-se uma companhia privada. A cada 9 de abril, principalmente na década de 1990, o jornal destacou a CSN e a comemoração do seu aniversário, tendo anos em que foram produzidos especiais

com notícias, entrevistas e homenagens à empresa.

A partir dos anos 2000, essa prática se tornou menos frequente, tanto que nas sete edições analisadas nesse período, apenas uma, a mais recente, é que voltou a citar e reconhecer o aniversário da Companhia.

É inegável, portanto, que o *Diário do Vale* considera importante a cobertura dos fatos ligados à empresa. Sendo que o jornal surgiu, assim como a cidade de Volta Redonda, às margens da Companhia Siderúrgica Nacional, e com o passar dos anos, também como a cidade, consolidou-se no mercado e tornou-se “independente”, mas não deixando de se relacionar e de informar sobre ela, o que é o mais importante para um meio de comunicação.

Referências

ALBERTI, Verena. **A construção da grande siderurgia e o orgulho de ser brasileiro**: entrevistas com pioneiros e construtores da CSN. Rio de Janeiro. CPDOC, 1999. 11f.

GRACIOLLI, Edilson José. **Fundo Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: Uma experiência de pesquisa**. Cad. AEL, v. 7, n. 12-13.

MOREIRA, Regina da Luz. **CSN – Um sonho feito de aço e ousadia**, Rio de Janeiro, Iarte, 2004.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A Ferro e fogo**: construção e crise da família siderúrgica: O caso de Volta Redonda (1941-1968). São Paulo, Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1989.

PEREIRA, Sérgio Martins. **Sindicalismo e privatização**: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação e, Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Sociologia. 2007.

RODRIGUES, Grazielle Borel. **A influência da CSN sobre a sociedade operária de Volta Redonda**. Trabalho de conclusão de curso, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História do Unifoa. 2010.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 02 abr. 1993.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 05 abr. 1993.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 1997.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 1998.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 1999.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2000.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2001.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2002.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2006.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2009.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2010.

DIÁRIO DO VALE. Volta Redonda, 09 abr. 2014.